

TP1 –Marx’s dialectical and historical materialism: unity, contradiction, change and utopia

O manuscrito bruxelense de 1845 sobre List, de Karl Marx

Diego Augusto Maia Baptista

O objeto central da nossa pesquisa de doutorado (UNICAMP, Brasil) e o ponto de partida de nossa pesquisa de pós-doutorado (USP-FAPESP, Brasil) foi um manuscrito redigido por Marx em meados do segundo semestre de 1845, voltado à obra do economista Friedrich List. O manuscrito sobre List restou inacabado e sua transmissão é fragmentária. O registro conservado – que ainda aguarda publicação na MEGA-2 – foi mantido inédito até 1971, quando foi publicado em russo, e em seguida em alemão, em 1972 (sob o título redacional: Über Friedrich Lists Buch „Das nationale System der politischen Ökonomie. In: Beiträge zur Geschichte der Arbeiterbewegung, Heft 3. Berlin-Ost, 1972, pp. 425-446). Portanto, dentre os inúmeros escritos marxianos publicados postumamente, trata-se de um dos materiais mais recentemente divulgados. Passados já quarenta anos do aparecimento do texto ele permanece, contudo, praticamente ignorado nos estudos sobre a obra teórica de Marx e nos debates do marxismo. Mesmo na literatura alemã especializada esse manuscrito é muito raramente mencionado. O objetivo desta comunicação é apresentar o manuscrito bruxelense de 1845 sobre List, da seguinte maneira: a) contextualizar sua gênese no quadro do percurso intelectual de Marx, b) delinear sua estrutura e divisões internas, c) referir as temáticas e conceitos fundamentais ali tratados. Nesse manuscrito verifica-se claramente a articulação de três críticas marxianas fundamentais - crítica da política, crítica da especulação e crítica da economia política - e a afirmação do imperativo da emancipação humana. Para além do manuscrito em questão, estes são eixos centrais que nos ajudam a compreender o pensamento de Marx como um todo. Nossa explanação baseia-se na tradução que realizamos do texto e no respectivo aparelho crítico preparado por nós e que acompanha a primeira edição brasileira do mesmo (Editora Autêntica, São Paulo, 2018).

Palavras-chave: Karl Marx, Manuscritos, Trajetória Intelectual, Crítica da Filosofia Especulativa, Crítica da Economia Política.

Em defesa da historicidade: Karl Marx lido por Allan Megill

Nuno Bessa Moreira

Paulo Oisiovici

Nesta comunicação analisa-se *The burden of reason: why Marx rejected politics and the Market*, de Allan Megill, publicado em 2001. O principal objectivo prende-se com a necessidade de reavaliar o legado de Marx, contestando a ideia segundo a qual tal tarefa deixou de ser importante ou atual.

Este estudo divide-se em três partes. Na primeira, percorre-se o trajeto de Allan Megill, dando ênfase ao modo como debateu o historicismo. Na década de 80, debruçou-se sobre *The Prophets of Extremity: Nietzsche, Heidegger, Foucault e Derrida*, solidarizando-se com a história para a vida e a denúncia de dum objetivismo reducionista, sem abdicar de uma dimensão epistemológica, estando, todavia, Megill fascinado pela escola de Yale, tendo contactado com Paul de Man e, sobretudo, Gayatri Spivak. No início dos anos 2000, começou a publicar artigos nos quais teoriza sobre a Intellectual History, sem postergar a especificidade da História como disciplina e profissão, mas acentuando a relevância da narrativa.

Entretanto, Megill deu à estampa o estudo sobre Marx, que será objeto de análise na segunda parte desta investigação e no qual procura afastar leituras que demonizem ou idolatrem aquela personalidade, abordando-a historicamente e colocando-a em contexto. Nesta comunicação tenta-se destacar as principais obras de Marx e os respectivos conceitos sublinhados por Megill, estabelecendo uma comparação entre eles e a leitura promovida pelo autor de *The Burden of reason*.

Finalmente, na terceira parte, são abordadas as reacções ao livro de Megill, situando-o no quadro da recepção de Marx na América, a partir da investigação de Paul Buhle, intitulada *The Marxism in United States (...)*, sem esquecer a forma como Derrida (um dos autores estudados por Megill e com repercussão nos Estados Unidos da América) se confrontou com os Espectros de Marx.

Palavras-chave: Marx, legado, recepção, Megill, historicidade

A importância do imaginário na obra de Karl Marx

Jean Martin Rabot

A obra de Marx não se resume a uma vasta teorização sobre o funcionamento do capitalismo e o seu futuro, com inspiração no hegelianismo, na economia política inglesa e no socialismo francês. Não se resume tampouco ao estabelecimento de leis económicas, com base no positivismo, ou ainda à elaboração de uma teoria da mudança social, com base no determinismo histórico. A sua obra contempla largamente as dimensões afetivas da vida humana e da história. Se o modo de produção capitalista recorre aos processos de abstração, ele nutre-se também de um imaginário social, assente no fetichismo da mercadoria. As mercadorias, ao tornarem-se objeto de desejo para aqueles que intercambiam bens, tornam-se “ouro imaginado”, com propriedades mágicas, fazendo com que a vida social seja impregnada por uma “nuvem mística”. Baseando-se na exploração, o modo de produção capitalista produz também uma classe que sofre e que encontra no sofrimento uma razão para se revoltar. Assim a oposição entre classes envolve a oposição entre as paixões de classes. Sem a representação de um país de Cocanha (Wilhelm Mühlmann), sem o “entusiasmo extático” (Marx) e de imagens fortes que encontramos no *Capital*, à semelhança da do povo que luta contra «a serpente dos seus tormentos», a revolução não seria concretizável. Por outras palavras, os sentimentos e as emoções permanecem inseparáveis da vida económica e das lutas políticas. Tal ideia encontra-se ainda na explicação que Marx

dá ao apoio dos camponeses ao golpe de Estado de Louis Bonaparte: a existência de uma “crença milagrosa”, com a qual estes assimilavam o ditador ao seu tio Napoleão I^o. Vemos que Marx, ao conferir um papel de relevo ao imaginário social na explicação dos modos de produção, ao dar ênfase às emoções e às paixões nos processos de mudança social, ao insistir sobre o fundamento imaterial de toda a realidade social, prefigura as principais sensibilidades epistemológicas dos pensadores contemporâneos, em particular dos sociólogos da pós-modernidade.

Palavras-chave: Capitalismo, mudança social, imaginário, fetichismo, emoções.

Cidadania, Educação e Cultura na perspectiva de Karl Marx

Mónica Simão Mandlate

O artigo tem como objetivo refletir sobre a contribuição do Marx do ponto de vista social e educacional. Falar de Karl Marx é falar das condições humanas, da organização das riquezas sociais, da luta pela igualdade entre os cidadãos, da participação de todos na construção duma sociedade livre de exploração do homem pelo homem. Para Karl Marx a cidadania faz-se através da observância das formas da vida concreta dos produtores. Sua missão foi preparar o cidadão comum a lutar por reformas político-económico-sociais. O autor desenvolveu uma ideologia que demonstrou com rigor científico as injustiças praticadas capitalismo. Educar o homem para dominar o seu próprio desenvolvimento é uma das funções essenciais da educação marxiana. É nesta perspectiva que Marx concebeu a educação socializadora e igualitária a todos os cidadãos. Uma educação que observasse as condições materiais dentro da própria sociedade. Marx trouxe uma proposta político pedagógico que visava a transformação da sociedade nas suas dimensões políticas e económicas. Para o autor a educação é um objeto de pesquisa que se enquadra na luta de classes. A missão da escola é dotar todos os homens no pleno desenvolvimento intelectual, físico e técnico.

Palavras-chave: Cidadania, educação e cultura